

Luz

Recife, 1º de maio de 1972

Aos prezados Irmãos no Episcopado e ao querido Povo de Deus da Arquidiocese de Olinda e Recife.

Acontecimentos graves e tristes nos obrigam a voltar a escrever-vos, pouco tempo depois da comunicação do banimento arbitrário e injusto do nosso caríssimo colaborador Pe. José Comblin.

As Autoridades parece se terem convencido de que a subversão se deslocou do Sul para o Nordeste e, especialmente, para Fortaleza e Recife.

Em nossa Cidade, se vêm multiplicando desaparecimentos, sequestros e prisões, sobretudo de Operários e Estudantes. E aqui registramos um primeiro motivo de nossa intervenção e denúncia como Pastores: nem mesmo a Lei de Segurança Nacional e os próprios decretos de após-Ato Institucional nº 5 vêm sendo respeitados. Só raramente há identificação por parte dos encarregados das capturas. Jamais há apresentação de ordem de prisão, devidamente datada e assinada por Autoridade competente e com indicação de motivos. Ou se prendem nas residências ou, no caso de Operários ou Operárias, em pleno horário de trabalho - como aconteceu em Fábricas como as da Torre, Pilar e Santista - deixando a impressão de tratar-se de terroristas e agitadores perigosos. O tratamento já é de desnecessária e extrema violência, havendo casos de depredação, quando se trata de residências. Regra geral, se usam viaturas, sem identificação oficial.

E' fácil imaginar o pânico em que ficam as Famílias, sem a mais leve indicação do local para onde estão sendo arrebatados seus entes queridos. Inutilmente, peregrinam, depois, pelas numerosas dependências policiais ou militares, estaduais ou federais, onde supõem poder encontrar as vítimas. O pressuposto é de que se trata de terroristas e de que estes não merecem a mais leve consideração.

Por que este desrespeito a dispositivos emanados do próprio Governo? Por que, p.ex., não haver comunicação, no prazo devido, à Auditoria Militar e por que esta, ao menos aos Familiares ou Responsáveis, não daria indicação do o corrido, para permitir, p.ex., o envio de mudas de roupas, dado que as vítimas são sequestradas como se acham, sem o direito de levar nada consigo?

Como Pastores e assumindo responsabilidade diante de Deus, de nossa própria consciência e das pessoas que em nós confiam, afirmamos que a regra vem sendo aplicação de torturas físicas e morais incríveis. Sente-se pressão crescente contra a Ação Católica Operária: há Militantes e mesmo um Dirigente Nacional do Movimento presos.

De novo, registramos que a razão única da desconfiança e da prevenção contra a Igreja liga-se ao fato de, em consciência, não podermos, em nome

da manutenção da chamada ordem social, continuar compactuando com estruturas de opressão, que reduzem filhos de Deus a uma situação infra-humana.

Até quando o anti-comunismo será utilizado como pretexto para manutenção de injustiças que bradam aos céus? Até quando, a pretexto de combater o terrorismo, haverá, em nome de Autoridades Policiais ou Militares, utilização de terrorismo, que, além de ferir os mais elementares direitos humanos, deixa vontade de pedir-se - como o fez, em tempo de Vargas, esta admirável figura hu mana que é o advogado Heráclito Sobral Pinto - que ao menos se aplique às víti mas a lei de proteção aos animais?

Muito de propósito, datamos esta carta, de 1º de maio. Não se trata, apenas, da circunstância de grande parte das vítimas serem Trabalhadores e de a Igreja ter crescente preocupação com os Operários: queremos, também, traduzir a nossa preocupação de Pastores ao ver que o modelo de crescimento econômico a dotado em nosso País, continua sendo pesadamente pago pelos pequenos, sem-vez e sem-voz. Tentem eles o mais legítimo e justo dos protestos e serão tratados co mo subversivos e comunistas, o que, aliás, importa em propaganda da subversão e do comunismo.

+ + +

Como sempre não faltará quem comente que esta carta é gesto subversi vo por parte de Bispos mais políticos do que homens do Evangelho. Neste dia do Trabalho, lembraremos a todos os Homens de boa vontade, mas, de modo especial, a nossos Irmãos Trabalhadores, uma cena dos Atos dos Apóstolos: - "Chamaram-nos e ordenaram-lhes que absolutamente não falassem, nem ensinassem em nome de Jesus. Responderam-lhes Pedro e João: "Julgai-o vós mesmos se é justo diante de Deus obedecermos a vós mais do que a Deus. Não podemos deixar de falar das coisas que temos visto e ouvido" (Atos IV, 18-19).



+ Helder Câmara
Arcebispo de Olinda e Recife

+ José Lamartine Soares
Bispo Auxiliar e Vigário Geral

Diocese de Goiás
5 de Julho de 1972

Prezados Irmãos,

Dia 29 de Junho p.p. Pe. Francisco Cavazzuti, padre da Diocese de Goiás e vigário-coadjutor da Paróquia de Jussara recebeu intimação para comparecer à Polícia Federal em Goiânia onde havia sido instaurado um processo contra ele para fins de expulsão do território nacional.

Pe. Francisco compareceu à Polícia no dia 4 de Julho, 3a. feira, e só então tomou conhecimento da acusação que lhe é feita, e que segue em anexo.

Antes disso, porém, Dom Tomás, de comum acordo com todo o clero da Diocese e com o Conselho de Pastoral, dirigiu-se às áreas onde Pe. Francisco trabalha: Britânia, Santa Fé, e Jussara. Reuniu o povo, leu-lhes o documento de intimação, e perguntou a esse povo, que conviveu com ele durante três anos, qual poderia ter sido o crime do Pe. Francisco, que motivos eles encontravam para tal condenação: a expulsão do território nacional.

Transcrevemos aqui, de fita gravada na ocasião, alguns dos principais depoimentos feitos nessas três áreas, para que todo o povo de Deus tome conhecimento desses fatos e possa tomar atitude frente aos mesmos.

Estes depoimentos vieram em resposta à pergunta de Dom Tomás: qual é o crime do Pe. Francisco?

porque está sendo condenado?

As respostas estão aqui transcritas tal como foram gravadas.

- O que ele fez foi isso: ajudar a pobreza, fazer a caridade.
- O Padre saindo, ele sai prejudicado e nós também, porque perdemos quem estava começando a despertar a pobreza, a fazer o benefício pelo pobre, pelos pequenos. Porque o grande vive até em cima da pedra. O pobre é que vive cavando o chão.
- O Padre merece todo o apoio do povo., ele que é o pai da pobreza.
- Achamos que o que fizeram com ele foi vingança.
- Achamos que foi vingança porque o que ele faz prejudica os grandes.
- Ele não é comunista, ele não é ladrão, ele só trabalha pela pobreza. Pode por qualquer um aqui na minha frente, que eu posso morrer nos pés dele, mas eu digo a verdade, digo que ele está errado. Pe. Francisco só faz a caridade.
- Os grandes obrigaram o povo a vender o sítio deles. Um conterrâneo meu não queria vender de jeito nenhum. Então o fazendeiro comprou as terras em redor e falou: você não quer vender o sítio então vai dar dois milhões para cercar seu sítio. Ele não tinha dinheiro. E não queria vender porque aquilo era o agasalho, o socego de seus filhos. Então o fazendeiro disse: você vai ficar aí e vai morrer de cheiro de carniça, porque todo animal que morrer eu ponho aqui perto de sua casa e quero ver você aguentar.
- Quem falou isso?
- O fazendeiro. Este mesmo que está contra ele.
- O Padre é a nosso favor. Ele é direito, trabalha direito, é um padre de respeito. Porque se ele não fosse um padre de respeito, nós mesmos expulsávamos ele daqui. Mas ele é um padre de respeito, ele trabalha a favor do povo daqui. E eu digo isso pra todo mundo, seja quem for. Mostro que estão errados.

- Os grandes atacavam os pequenos, que vendiam suas terras e se alongavam por aí, sofrendo pelo Mato-Grosso e Pará, por êsse meio de mundo, com tôda a família, procurando lugar para viver. Porque não tinha onde ficar. Se tocassem lavoura, o gado entrava e comia. Se tivesse umas duas ou tres rezes, tinha que vender porque só poderia ter gado de raça. Se tivesse um boi, êles pegavam aquê boi e castravam. E porisso o Pe. Francisco sempre aconselhou a pobreza a não vender suas terras, para que depois não se alongar por êsses sertões sem recursos para morrer à mingua com seus filhos. Mas êle não falava quem era nem quem não era o fazendeiro. Geralmente, os fazendeiros. Agora se em alguns a carapuça agradou, decerto são êsses os perseguidores do Pe. Francisco. Que sempre a palavra de Deus diz que todos aquêles que são de Deus são perseguidos. Então eu suponho que a perseguição do Pe. Francisco só pode ser isso.
- Agora quero saber que crime êle cometeu. Êle não é comunista. Ninguém aprova. Êle não é comunista nem subversivo. Ninguém concorda com isso. Será porque êle fala a bem da pobreza? Então todos aquêles que fala a verdade e vive na lei de Deus é tudo comunista. Então pode prender tudo.
- Falou em justiça, pediu justiça, então é criminoso.
- Muitas e muitas famílias ficaram aqui desagasalhadas por essa compra de terras forçadas. O povo ficava com medo deles e vendia. Muitos venderam obrigados.
- Não desfazendo das autoridades, digo que nesses 14 anos que vivo aqui em Britânia nunca entrou um homem como o Pe. Francisco. Êle é pelos pobres, pelos fazendeiros, por todos. Êle vem trabalhando por todos. Isso é uma injustiça. Se o expulsarem do país eu sou a favor dêle por todo lugar onde for. Se precisar da minha defesa, darei essa defesa onde for preciso. Porque êle é um dos grandes homens que até hoje entrou aqui em Britânia. Dos que estão aqui, ninguém tem o que dizer contra o Pe. Francisco.
- Êle foi castigado porque falou a verdade, porque pediu a justiça. É pela verdade que êle sofre.
- Acho que êle não deve nada a ninguém. É um sofredor, um bandeirante. Andava por êsses fundos de sertão, sempre fazendo o bem, ajudando os outros. Não vejo nêle crime nenhum.
- Eu também sempre o acompanho em suas viagens. Nunca vi crime algum.
- Para mim êle é um bom religioso, um Padre caridoso, sempre a favor da pobreza. Faz muita caridade entre nós. Mas se fazer caridade é crime, então êle é criminoso mesmo.
- Essa notícia da expulsão é muito triste para nós. O crime dêle é fazer a caridade. É um herói. Trabalha nesse interior todo. Eu vi ajei com êle. Não para nem para almoçar. Leva um lanche que come em viagem. Se há algo contra êle, é uma injustiça.
- Ao Pe. Francisco devo tanto obrigação como dinheiro. Foi êle que valeu a meu marido. Trazia os doentes de carro para a cidade, para tratar. Se êle sair, todos nós estamos desvalidos. Dem o Pe. Francisco e o Pe. Henrique, nós estamos desolados.
- Essa notícia é muito inesperada para nós. No nosso meio fazia justiça, cuidava dos pobres. Só fazia o bem. Só que êles não estão querendo justiça. É o que êle estava fazendo em nossa cidade. Fará uma grande falta entre nós.
- Pensamos que êsse Padre vai ter que sair do País. Que significa isso para nós? Fico um pouco nervoso de saber que êle vai embora. Vai para a terra dêle, a família dêle. E o que fica aqui para nós? Quem vai nos ajudar, denunciando as injustiças? Se há um motivo de expulsão, creio que é êsse de ajudar, desenvolver o lugar, ajudar os oprimidos. E também êle agora é um oprimido. Êle sempre trabalhou para que êsse povo possa ser gente. Nós somos a Igreja, Pe. Francisco é a Igreja. Somos cristãos, e o cristão é um homem compromissado, que zela pelo outro, pelo irmão, sendo padre ou não. Êle era um homem compromissado, que zelava pelo seu rebanho. Se for embora ficamos aqui, e vamos sustentar o trabalho, para êle não cair. Senão cai a Igreja aqui, a união do povo, o amor entre o povo.

Palavras de Dom Tomás após os depoimentos de Jussara:

Esta fala para mim é muito preciosa. Tudo o que foi dito aqui é um verdadeiro conforto. É sinal de que o pessoal aqui está sintonizado com a Igreja. Esse povo que fala é Igreja. Igreja não é um rebanho passivo, um rebanho arrumadinho, de pessoas inconscientes. São pessoas que assumem a responsabilidade do que acontece, no meio do povo de Deus, desde os seus ministros até o último fiel. Agora vou dizer uma palavrinha a modo de conclusão. Para o conhecimento de vocês aqui, de vo dizer que, se o Pe. Francisco está sendo julgado e condenado, e porque ele despertou os pequenos proprietários contra a pressão dos grandes fazendeiros que queriam ter todo o latifúndio, sem nenhum outro ocupante em qualquer parte da gleba.

E se ele é condenado por isso, eu, Dom Tomás Balduino, Bispo de Goiás, devo ser condenado antes dele, porque isso que ele fazia era em pleno entendimento comigo e com toda a Diocese de Goiás. Se o Pe. Francisco é condenado porque lutou, procurou por todos os meios, diante da justiça local e diante da primeira instância do Tribunal fazer com que houvesse um modo de que todas as crianças fossem registradas de modo mais benigno, mais legal, mais humano, mais acessível, se ele é condenado por este esforço, eu também deveria ser condenado, deveria ser expulso. Eu não sou melhor do que ele. Se o Pe. Francisco é condenado porque colaborou na preparação, na introdução do sindicato, que é uma coisa legal, e uma coisa que os homens da lavoura merecem e devem ter por lei, por ter trabalhado nesse plano sabendo que isso ia servir, ia promover, ia fazer melhores brasileiros, se ele é condenado por isso, eu também sou. E toda a Diocese, todos os padres, e muitos e muitos leigos. E muitos e muitos homens da lavoura. E muitos daqueles que em plano estadual e em plano nacional coordenam, debaixo da lei, o sindicato. E mais, irmãos, se ele é expulso porque é italiano, porque é estrangeiro, devemos reconhecer que ele fez maior bem aqui, na nossa área, que muitos de nós brasileiros. E nós não podemos ir muito longe nessa exigência de ser brasileiro para poder estar no nosso meio. Porque do contrário teríamos que expulsar até Nossa Senhora, que não é brasileira, é judia. E o Cristo. O que importa nesse negócio de nacionalidade não é o lugar geográfico onde nascemos. Mas é o coração, é a pessoa, é o íntimo. É isso que qualifica o homem. É a fé, e a comunhão no amor, que qualifica o cristão. Não é a nacionalidade dele. Por isso a Igreja pode ser plantada aqui como pode ser plantada na China ou na América do Norte. Porque ela não procura geografia local. Ela procura o homem, quem quer que seja este homem. E sobretudo eu acho que é este o crime do Pe. Francisco. O homem machucado, empobrecido, marginalizado, sem voz e sem vez.

Irmãos, nós estamos diante de uma comunidade numerosíssima. Pela lotação desta Igreja eu faço idéia do trabalho desses padres aqui. Eles são só dois.

Se isso por uma desgraça, por um vexame para nossas leis, para nossos direitos de defesa, de ter um advogado, de contrapor à acusação os motivos profundos daquele que o acusou, o nome do acusador, que ele compareça diante do Juiz, dizendo que o crime foi esse, eu que o acuso.

E não seja um acusador escondido sob mil capas, e que nós jamais podemos identificar. Se isso acontecer, meus irmãos, então só haverá um padre aqui. A gente custa a conseguir um. Mas estamos vendo que é muito fácil perder um.

Eu pediria ao povo que permanecesse assim solidário com a Igreja, com o seu pároco, e com fé em Deus. Porque eu não vou deixar de trabalhar, de procurar, de prover esta paróquia e as paróquias do interior. Britânia, Santa Fé, e todos esses lugares aí, 13 de Maio, Cesaréia, lugares que às vezes estão até desaparecendo pouco a pouco, porque o pessoal não tem a sua fonte de abastecimento que é a terra. Eu não vou desanimar e peço a vocês que não desanimem porque esta é a missão recebida da parte de Cristo, que nos disse: Vocês vão ter não rosas pelos caminhos, mas vão sofrer perseguições; vocês serão arrastados aos tribunais dos governadores por causa de mim, mas tende confiança, filhos, eu venci o mundo. O discípulo não é maior que o mes-

tre. Se assim fizeram com a lenha verde, quer dizer à lenha que não era para o fogo, que dizer então com a lenha seca ?

Se assim trataram a Cristo, de pior maneira vão tratar a vós. Mas quem for fiel até o fim vencerá.

Irmaos, nesta celebração vamos pedir a Deus nosso Senhor que nos conforte, que conforte o Pe. Francisco, que ele não fique amargurado. Que ele sinta que se isto está acontecendo, está acontecendo pela ante-Igreja, pelo ante-Cristo. E se alguém em carne e osso, fez tudo isso para que ele fosse expulso, este alguém em carne e osso, já pelo fato mesmo é excomungado da nossa Igreja e da Igreja de Cristo. Isso eu digo tranquilamente. O bispo tem autoridade para dizê-lo. Porque esse alguém não é de Cristo mesmo. E não adianta tappear a Deus. Não adianta.

Vamos então prosseguir nossa Santa Missa. Eu agradeço a presença de vocês todos. Sinto-me realmente confortado. Mas, me irmaos, estava amargurado. A coisa dói. Para mim esse negócio não é feito diretamente ao Pe. Francisco, é feito a mim. Mas recebendo esta cacetada, eu me sinto mais unido a Cristo. E digo mais: são vocês que estão recebendo também. Quem está sofrendo são vocês. Basta ouvir, lembrar o depoimento dessas pessoas que aqui falaram. O sofrimento é da comunidade, mas saibamos que nós devemos carregar a nossa Cruz diariamente e seguir o Cristo. Só assim seremos verdadeiramente seus discípulos.

Palavras do Pe. Henrique Malavolti, vigário de Jussara.

Não sei se o meu vai ser o último depoimento, mas eu quis deixar para o fim a minha palavra porque o pessoal podia pensar: é lógico, o Padre vai defender outro Padre. Ainda mais: um italiano vai defender outro italiano. Se todos aqueles que aqui falaram de mostraram o próprio sentimento do coração, tudo o que sentem, vocês podem imaginar o que eu, colega, irmão no sacerdócio, neste momento estou sentindo. Eu que com ele juntos chegamos aqui há três anos, no mês de junho, numa Kombi. Ninguém nos conhecia. Não sei se alguém sabia que chegaríamos naquele dia. Chegamos nesta praça, perguntamos onde era a casa paroquial e fomos lá. A gente que começou com (ele o trabalho e sempre compartilhou toda a obra, neste momento a gente se sente totalmente solidária com o Pe. Francisco, com seu trabalho, porque o trabalho dele era também o meu.

Vocês ouviram ele falar aqui tantas vezes da justiça. Hoje ele está sofrendo injustiça. Ele aqui tantas vezes falou em favor da pobreza. Hoje está sendo privado da palavra, quase como um pobre qualquer, no meio de nós. Ele que tantas vezes falou aqui para os oprimidos, neste momento está sendo ele mesmo oprimido. E porque isso ? Penso que em primeiro lugar porque ele foi fiel ao Evangelho com coragem. Depois vêm todos os motivos que vocês falaram aí. E mais ainda, outros que não conhecemos. Mas é sempre a mesma coisa: porque ele quis defender os pobres e a justiça, como está escrito no Evangelho. E quero simplesmente encerrar estas minhas palavras dizendo isto: quantas vezes nós aqui nesta Igreja falamos de uniao, de fé, de coragem. Este é o momento de uniao, de coragem, de fé. Estaremos unidos para continuar o nosso trabalho. Eu quero logo dizer que o nosso trabalho não vai mudar de jeito nenhum. Vamos continuar do mesmo jeito, ainda mais corajosos pelo seu testemunho: pelo testemunho e pelo exemplo do Pe. Francisco.